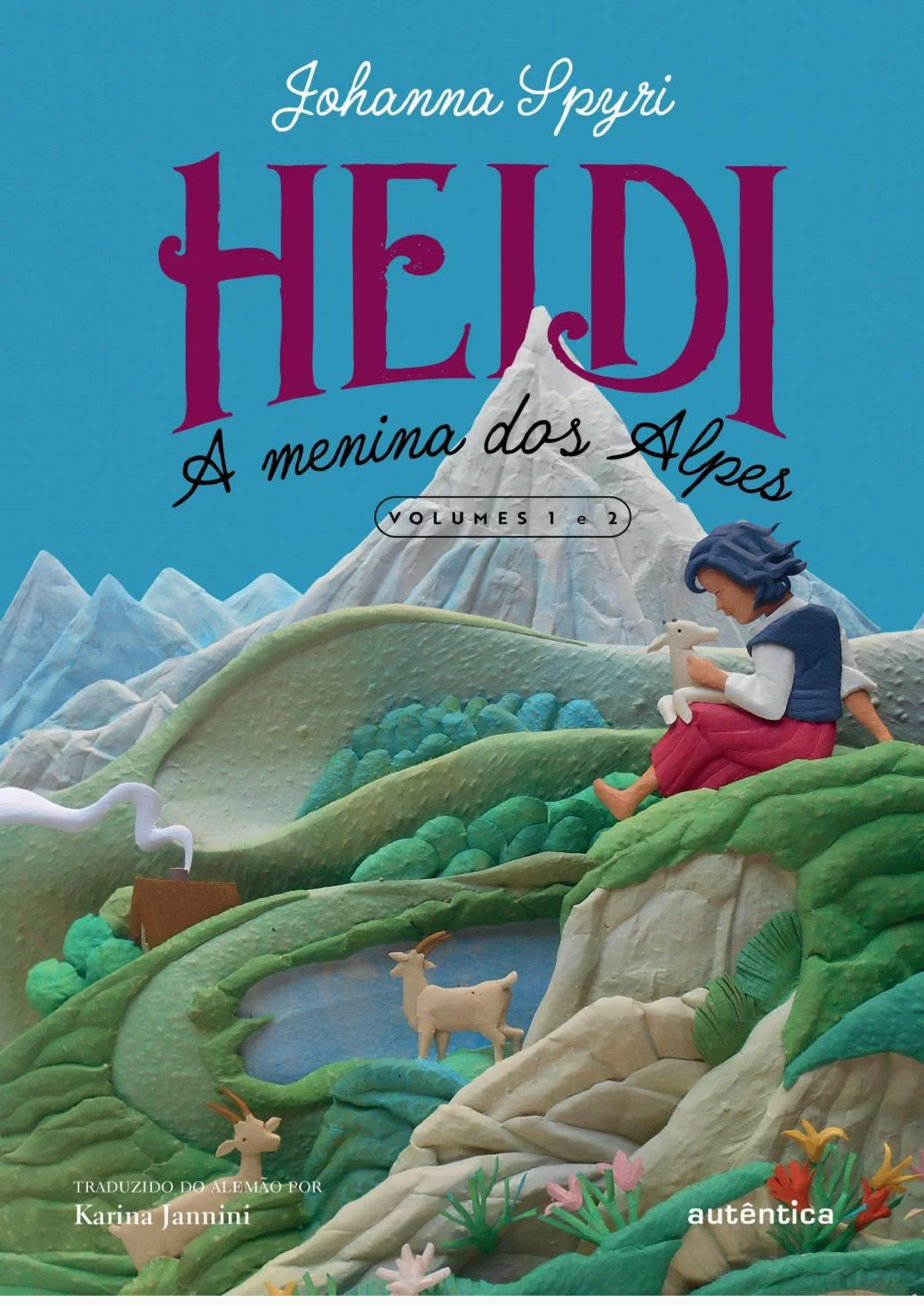


Johanna Spyri
HEIDI
A menina dos Alpes
VOLUMES 1 e 2
TRADUZIDO DO ALEMÃO POR
Karina Jannini
autêntica

Outros títulos da coleção

25 contos de Machado de Assis
Machado de Assis
Nádia Battella Gotlib (Org.)

A casa dos sonhos de Anne
Lucy Maud Montgomery

A escrava Isaura
Bernardo Guimarães

A fazenda dos animais
George Orwell

A volta ao mundo em 80 dias
Júlio Verne

Alice através do espelho
Lewis Carroll

Alice no País das Maravilhas
Lewis Carroll

Anne da ilha
Lucy Maud Montgomery

Anne de Avonlea
Lucy Maud Montgomery

Anne de Green Gables
Lucy Maud Montgomery

Anne de Windy Poplars
Lucy Maud Montgomery

As aventuras de Tom Sawyer
Mark Twain

As mais belas histórias (2 vol.)
Andersen, Grimm, Perrault

Clara dos Anjos
Lima Barreto

Cuore
Edmondo de Amicis

Frankenstein ou
O Prometeu Moderno
Mary Shelley

Kim
Rudyard Kipling

Memórias de um burro
Condessa de Ségur

Memórias póstumas de Brás Cubas
Machado de Assis

O cão dos Baskerville
Arthur Conan Doyle

O castelo encantado
Edith Nesbit

O jardim secreto
Frances Hodgson Burnett

O Mágico de Oz
L. Frank Baum

O morro dos ventos uivantes
Emily Brontë

O Picapau Amarelo
Monteiro Lobato

Peter Pan
J. M. Barrie

Pollyanna
Eleanor H. Porter

Pollyanna moça
Eleanor H. Porter

Reinações de Narizinho
Monteiro Lobato

Robinson Crusoé
Daniel Defoe

Viagens de Gulliver
Jonathan Swift



Conheça todos os títulos da coleção em:

bit.ly/classicosautentica

Johanna Spyri

HEIDI

A menina dos Alpes

VOLUMES 1 e 2

ILUSTRAÇÃO: **JESSIE WILLCOX SMITH**

TRADUZIDO DO ALEMÃO POR **KARINA JANNINI**

autêntica

Título original: *Heidis Lehr: und Wanderjahre*

Fonte: www.gutenberg.org

EDIÇÃO GERAL
Sonia Junqueira

ILUSTRAÇÕES
Jessie Willcox Smith
(*exceto as imagens das páginas 75, 119 e 131, de diferentes autores, todas em domínio público)*

REVISÃO
Maria Theresa Tavares

CAPA
Diogo Droschi
(sobre esculturas de papel de Marcelo Bicalho)

DIAGRAMAÇÃO
Carol Oliveira
Guilherme Fagundes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Spyri, Johanna, 1827-1901
Heidi, a menina dos Alpes / Johanna Spyri ; tradução Karina Jannini. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica, 2021. -- (Clássicos Autêntica.)

Título original: *Heidis Lehr: und Wanderjahre*
ISBN 978-65-5928-066-7

1. Ficção alemã 2. Vida na montanha - Suíça - Ficção I. Título II. Série.

21-64747 CDD-833

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura alemã 833

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



Belo Horizonte
Rua Carlos Turner, 420
Silveira . 31140-520
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

São Paulo
Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional
Horsa I . Sala 309 . Cerqueira César
01311-940 . São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

www.grupoautentica.com.br
SAC: atendimentoleitor@grupoautentica.com.br


Sumário

VOLUME 2

Sobre este livro

Heidi, a menina dos Alpes foi escrito no final do século XIX, em 1880. Por isso, durante a leitura, você provavelmente vai estranhar muitas coisas: o jeito de os personagens verem o mundo, de se relacionarem uns com os outros, seus costumes, seu jeito de falar, de se vestir. Seu jeito de sentir o mundo e a vida, de se relacionar com Deus.

São diferenças naturais, espirituais e culturais importantes, que se devem não só à distância e à grande diversidade geográfica entre a Suíça, onde se passa a maior parte da história, e o Brasil, mas também ao tempo – 141 anos! – que separa nossa vida hoje, no século XXI, da vida dos personagens.

Se você não perder de vista todos esses contextos, temos certeza de que será uma leitura divertida, prazerosa e também enriquecedora, fonte de descobertas e reflexões importantes para a vida de qualquer pessoa.

Na edição original, o livro tinha dois volumes, e assim fizemos em nossa primeira edição. Agora, para maior conforto do leitor, reunimos os dois neste volume único, que contém o texto integral.

Sonia Junqueira, editora

VOLUME 1

Tempo de viajar e aprender



Na trilha, a caminho dos Alpes

Saindo do agradável vilarejo de Maienfeld, na Suíça, uma trilha conduz por corredores verdes, cheios de árvores, até a base dos montes, que desse lado são altos e olham imponentes para o vale. Quem pega o início da trilha, que é muito inclinada e leva diretamente para os Alpes, logo começa a sentir o cheiro da relva baixa e das vigorosas plantas da montanha.

Em uma manhã ensolarada de junho, uma moça alta, de aparência robusta, nativa da região, subia por esse estreito caminho. Dava a mão a uma criança cujas bochechas ardiam tanto que um vermelho forte coloria sua pele morena, queimada pelo Sol. Também pudera: apesar do Sol quente de junho, a criança estava muito agasalhada, como se precisasse se proteger de uma forte geada. Era uma menina, e não devia ter nem 5 anos, mas era difícil saber sua altura real, pois vestia duas, talvez três roupas, uma por cima da outra, e ainda estava enrolada em um lenço grande e vermelho de algodão, bem amarrado, de maneira que era uma figura totalmente sem forma; usando sapatos com solas de pregos, próprios para escalar, subia a montanha com muito esforço e calor.

As duas devem ter levado uma hora para subir do vale ao povoado, que ficava na metade do monte e era conhecido como "aldeia". As viajantes foram saudadas por quase todas as casas, ora da janela, ora de uma porta, às vezes pelo caminho, pois a moça tinha chegado à sua cidade natal. Não parou em lugar nenhum, mas respondia a todos os cumprimentos e perguntas enquanto ia passando, sem se deter, até chegar à última das casinhas espalhadas, no final do povoado. Ali, alguém gritou de uma porta:

– Espere um pouco, Dete, se for subir, vou com você.

A moça parou. Imediatamente, a criança soltou sua mão e se sentou no chão.

– Está cansada, Heidi? – perguntou a acompanhante.

– Não, estou com calor – respondeu a menina.

– Já estamos quase lá. Você só precisa se esforçar mais um pouco e dar passos grandes; assim, em uma hora chegamos – a companheira a encorajou.

Nisso, uma mulher gorda e de aparência bondosa se reuniu a elas. A menina se levantou e passou a caminhar atrás das duas velhas conhecidas, que logo começaram uma conversa animada sobre os habitantes da aldeia e as muitas casas da vizinhança.

– Mas aonde pretende ir com a menina, Dete? – perguntou a nova viajante. – É a órfã da sua irmã, não é?

– É, sim – respondeu Dete. – Quero levá-la até o Tio, com quem vai ficar.

– O quê?! Vai deixar a menina lá em cima, com o Tio dos Alpes? Enlouqueceu, Dete?! Como pode fazer uma coisa dessas?! O velho vai acabar com a sua festa e mandá-la de volta pra casa!

– Ele não pode fazer isso, é avô dela, precisa fazer alguma coisa. Até agora fiquei com a menina, e vou lhe dizer uma coisa, Barbel: não vou largar o lugar que consegui arrumar por causa de uma criança. Agora, é a vez de o avô fazer sua parte.

– Bom, se ele fosse como as outras pessoas, tudo bem – confirmou Barbel, zelosa. – Mas você o conhece. O que ele vai fazer com a menina, ainda por cima tão novinha?! Ela não vai aguentar ficar com ele! E você, pra onde vai?

– Pra Frankfurt – explicou Dete. – Consegui um serviço muito bom. No verão passado, os patrões estiveram hospedados no hotel em que trabalho. Eu era responsável por arrumar o quarto deles, e já na época queriam me levar, mas não pude ir. Agora estão aqui de novo e me convidaram, e eu também quero ir, pode ter certeza.

– Eu é que não queria estar na pele dessa menina! – exclamou Barbel, com um gesto defensivo. – Ninguém sabe como vive o velho lá em cima. Não quer saber de conversa com ninguém. Entra ano, sai ano, e ele não põe os pés em nenhuma igreja; e, uma vez por ano, quando desce a montanha com sua grossa bengala, todo mundo o evita, tem medo dele. Com aquelas sobrancelhas grossas e grisalhas, e a barba horrorosa, parece um velho pagão, um índio; e quem topa com ele fica feliz se não estiver sozinho.

– Mesmo assim – disse Dete, decidida –, ele é o avô e precisa cuidar da menina. Não há de fazer nenhum mal a ela, senão será ele o responsável, não eu.

– Eu só gostaria de saber – continuou Barbel –, que culpa o velho tem no cartório pra estar sempre com aquela cara e viver tão sozinho lá em cima, sem aparecer quase nunca. Falam de tudo sobre ele. Sua irmã certamente contou alguma coisa pra você, não contou, Dete?

– Claro, mas não digo nada. Se ele ficar sabendo, ainda acaba sobrando pra mim!

No entanto, fazia muito tempo que Barbel queria descobrir o que tinha acontecido ao Tio dos Alpes para ele ser tão agressivo e viver completamente sozinho lá em cima. Por que será que as pessoas sempre se referiam ao velho com meias-palavras, como se temessem ficar contra ele, mas sem querer defendê-lo? Barbel também não sabia por que, na aldeia, todos o chamavam de "Tio dos Alpes": afinal, não devia ser tio de nenhum morador dali. Porém, como todos o nomeavam assim, ela fazia o mesmo e nunca chamava o velho de outra coisa a não ser de tio.

Fazia pouco tempo que Barbel tinha subido à aldeia para se casar. Antes, morava na parte baixa da montanha, em Prättigau; por isso, ainda não estava muito familiarizada com os acontecimentos nem com as pessoas da aldeia e região. Em compensação, Dete, sua velha conhecida, tinha nascido e vivido na aldeia,

com a mãe, até um ano antes; então, quando sua mãe morreu, ela se mudou para Bad Ragaz, onde encontrou um bom emprego de camareira no grande hotel. Nessa manhã, vinha de Ragaz com a menina. Até Maienfeld, tinham conseguido ir no carro de feno de um conhecido. Portanto, dessa vez, Barbel não quis deixar passar a oportunidade de descobrir mais alguma coisa. Pegou no braço de Dete e disse, em tom confidencial:

– Com você, dá pra saber o que é verdade e o que as pessoas inventam. Você deve conhecer toda a história. Conte o que aconteceu com o velho, se ele foi sempre temido desse jeito e se sempre odiou as pessoas.

– Se ele sempre foi assim, não sei dizer com exatidão. Tenho 26 anos, e ele certamente já chegou aos 70. Você não há de esperar que eu o tenha conhecido quando era jovem. Mas se eu soubesse que você não vai espalhar pra Prättigau inteira, eu bem que poderia te contar muita coisa. Minha mãe era de Domleschg, e ele também.

– Ah, Dete, o que você está pensando? – rebateu Barbel, um tanto ofendida. – Não correm tantos boatos assim em Prättigau, e também sei guardar segredo quando necessário. Conte logo, você não vai se arrepender.

– Está bem, eu conto, mas não vá falar pra ninguém! – avisou Dete. Primeiro, olhou ao redor para ver se a menina não estava perto demais para ouvir tudo o que ia dizer. Mas nem dava para ver onde ela estava. Já devia fazer algum tempo que não seguia as duas moças: muito ocupadas com a conversa, não prestaram atenção nela. Dete parou e olhou para todas as direções. A trilha fazia algumas curvas, mas podia ser vista quase inteira, até a aldeia lá embaixo. Mas não se via ninguém.

– Espere, estou vendo onde ela está! – disse Barbel. – Veja ali – e apontou com o indicador para bem longe do caminho. – Está escalando a encosta com Pedro e suas cabras. Por que será que hoje ele está subindo tão tarde com seu rebanho? Mas pra nós veio bem a calhar: assim ele olha a menina, e você me conta a história.

– Mas o Pedro não precisa se preocupar muito com ela – comentou Dete. – Pra uma criança de 5 anos, ela não é nada boba. É atenta e percebe muito bem tudo o que acontece, já notei isso. E vai ser bom pra ela, pois o velho não tem nada além das duas cabras e da cabana.

– Ele já teve mais, algum dia? – quis saber Barbel.

– Ele? Sim, já teve mais – respondeu Dete, fervorosa. – Um dos sítios mais bonitos de Domleschg. Era o filho mais velho e só tinha um irmão, que era tranquilo e organizado. Mas o mais velho não queria fazer outra coisa além de bancar o dono de tudo, passear pela região e se meter com más companhias, gente que ninguém conhecia. Perdeu a propriedade no jogo e na bebida, e quando seu pai e sua mãe ficaram sabendo, morreram de desgosto, um depois do outro. O irmão, que também ficou na miséria, saiu aborrecido pelo mundo, ninguém sabe pra onde, e o próprio velho, que não tinha mais nada além da má fama, acabou desaparecendo. No começo, ninguém sabia pra onde tinha ido, depois descobriram que havia partido como soldado pra Nápoles, na Itália, e não se ouviu mais nada sobre ele por 12 ou 15 anos. Então, de repente, reapareceu em Domleschg com um menino já meio crescido e quis alojá-lo na casa de algum parente. Mas todos bateram a porta na sua cara, ninguém quis saber dele. Amargurado, disse que nunca mais voltaria a pôr os pés em Domleschg e veio aqui pra aldeia, onde viveu com o menino. Sua mulher devia ser do Cantão dos Grisões, onde ele a conheceu, e morreu pouco depois. Ele ainda devia ter algum dinheiro, pois fez o filho, Tobias, aprender o ofício de carpinteiro. O menino era boa pessoa e muito querido por todos na aldeia. Mas no velho ninguém confiava. Diziam até que tinha abandonado o exército em Nápoles, que se tivesse ficado por lá acabaria em maus lençóis, pois tinha matado um homem, obviamente, não na guerra, entende?, mas em alguma briga. Reconhecemos nosso parentesco com ele porque a avó da minha mãe era irmã da sua avó. Por isso o chamamos de Tio, e como, por parte de pai, somos parentes de quase todos na aldeia,

ele ficou conhecido como "Tio". Então, desde que se mudou para os Alpes, é chamado de "Tio dos Alpes".

– Mas o que aconteceu com Tobias? – quis saber Barbel, ansiosa.

– Espere que chego lá, não posso dizer tudo de uma só vez! – retrucou Dete. – Bom, Tobias estava estudando em Mels e, quando terminou seus estudos, voltou pra aldeia e se casou com minha irmã, Adelaide. Sempre gostaram um do outro e, depois de casados, também se davam muito bem. Mas a felicidade não durou muito. Dois anos depois do casamento, quando ajudava na construção de uma casa, uma viga caiu em cima dele e o matou. Levaram-no pra casa, e, ao ver seu corpo desfigurado, Adelaide teve uma febre tão forte, por causa do susto e do sofrimento, que não conseguiu se recuperar. Já não era muito forte, e às vezes ficava de um jeito que não sabíamos se estava acordada ou dormindo. Apenas algumas semanas depois da morte de Tobias, Adelaide também foi enterrada. Por toda parte se comentava o triste destino dos dois, e dentro de casa ou em público se dizia que esse era o castigo merecido pelo Tio por ter levado uma vida sem Deus. Chegaram a dizer isso na cara dele, e até o pastor tentou convencê-lo a se arrepender, mas ele só ficou mais rabugento e teimoso. Não falou com mais ninguém, e todos evitavam cruzar seu caminho. De repente, começaram a dizer que o Tio tinha se mudado para os Alpes e já não descia mais. Desde essa época, ele vive ali, em conflito com Deus e com os homens. Minha mãe e eu ficamos com o bebê de Adelaide, que tinha um ano. Quando minha mãe morreu, no verão passado, desci até Bad pra ganhar algum dinheiro e levei a menina comigo. Paguei a velha Úrsula, que morava no vilarejo um pouco acima, pra ficar cuidando dela enquanto eu trabalhava. Passei o inverno inteiro em Bad. Como sei costurar e remendar, não tive dificuldade pra encontrar serviço por lá. No começo da primavera, os patrões que servi no ano passado voltaram de Frankfurt e me convidaram para partir com eles. Viajamos depois de amanhã, e o serviço é bom, isso eu posso te garantir.

– E você quer entregar a menina ao velho lá em cima? Fico muito surpresa que esteja pensando em fazer isso, Dete – disse Barbel em tom de reprovação.

– O que você está pensando?! – rebateu Dete. – Fiz o que pude pela menina, o que mais posso fazer agora? Não posso levar uma criança de 5 anos comigo pra Frankfurt. Mas... aonde você está indo, Barbel? Já não estamos no meio do caminho?

– Estou quase no lugar aonde queria chegar – respondeu Barbel. – Preciso conversar com a mulher do Pedro, ela tece pra mim no inverno. Até a próxima, Dete, boa sorte!

Dete apertou a mão da acompanhante e ficou parada, enquanto Barbel se dirigia a uma cabana pequena, marrom-escura, que ficava a alguns passos da trilha, em um pequeno vale, onde era bem protegida do vento da montanha. Partindo da aldeia, a cabana se encontrava a meio caminho dos Alpes, e era bom que estivesse em um lugar protegido, pois parecia tão frágil e decadente que devia ser até perigoso morar nela quando a ventania chegasse varrendo a montanha, batendo suas portas e janelas e fazendo tremer e estalar suas vigas podres. Nesses dias, se a cabana ficasse na parte exposta da montanha, não escaparia de ser imediatamente lançada no vale.

Ali morava Pedro das Cabras, menino de 11 anos que todas as manhãs ia buscar os animais na aldeia para levá-los a pastar nos Alpes, onde podiam comer plantas nutritivas até anoitecer. Então Pedro descia de novo à aldeia com os animaizinhos de passos leves e anunciava sua chegada levando os dedos à boca e dando um assobio estridente; assim, os donos de cada cabra iam encontrá-lo para recolhê-las. Na maioria das vezes, quem vinha eram meninos e meninas, pois ninguém tinha medo das cabras mansinhas.

No verão, esse era o único momento em que Pedro encontrava seus amigos; do contrário, vivia só com os animais. É bem verdade que em casa tinha a mãe e a avó cega, mas acordava muito cedo e voltava tarde, pois na aldeia ficava conversando até não poder mais com as outras crianças. Assim, em casa, só tinha tempo de tomar seu leite e comer seu pão de manhã e, à noite, engolir a mesma

comida, deitar e dormir. Seu pai, também conhecido como Pedro das Cabras porque antigamente tinha a mesma profissão, morrera alguns anos antes, ao cortar árvores. Sua mãe, que se chamava Brigitte, era conhecida como "a mulher do Pedro das Cabras", e a avó cega era chamada simplesmente de "avó", tanto pelos velhos quanto pelos jovens.

Dete esperou uns bons dez minutos e olhou para todos os lados em busca das crianças. Como não viu nenhuma delas, subiu mais um pouco até um ponto do qual pudesse ter uma visão melhor da montanha. Dali olhou para um lado e para outro, com a impaciência estampada no rosto e nos movimentos. Enquanto isso, as crianças voltavam por um grande desvio, pois Pedro conhecia muitos lugares com todo tipo de arbustos e folhagens para suas cabras; por isso, sempre saía do caminho com o rebanho. Ofegante e exausta com o peso das roupas, o calor e o desconforto, a menina o seguia pela encosta com dificuldade. Não dizia nada, mas não tirava os olhos de Pedro, que pulava sem esforço de um lado para outro, descalço e com calças leves, junto das cabras que, com pernas finas, escalavam a encosta com facilidade ainda maior, por entre arbustos e pedras. De repente, a menina se sentou no chão, tirou rapidamente os sapatos e as meias e se levantou. Tirou o lenço vermelho e grosso do pescoço, desabotoou e arrancou a saia que estava por cima de outra, pois Tia Dete a tinha vestido com a roupa de domingo por cima daquela do dia a dia, para não ter de carregá-la. Em um piscar de olhos, livrou-se também dessa saia e ficou só com a roupa de baixo, de manga curta, com liberdade para esticar os braços. Depois, juntou tudo em um montinho e saiu pulando atrás das cabras e escalando a encosta ao lado de Pedro, ágil como nunca. Pedro não tinha prestado atenção ao que a menina fazia quando ficou para trás. Ao vê-la chegar toda serelepe nas novas roupas, seu rosto se abriu em um sorriso, que ficou ainda mais largo quando viu o montinho de roupas que ela havia deixado para trás, mas não disse nada. Agora que se sentia livre e leve, a menina começou a conversar com Pedro, que precisou responder a uma porção de perguntas, pois ela queria saber

quantas cabras ele tinha, pra onde as levava e o que fazia quando chegava. Finalmente, se aproximaram do topo, perto da cabana, e deram de cara com Tia Dete. Ao ver os companheiros de escalada, Dete deu um grito:

– Heidi, o que está fazendo? Isso são modos de andar por aí? Cadê suas saias e seu lenço? E os sapatos novinhos que comprei pra você, e as meias que fiz? Tudo perdido! Onde está com a cabeça, Heidi? Onde deixou suas roupas?

Com calma, a menina apontou para a descida da montanha e disse:

– Estão ali!

Tia Dete seguiu a direção do seu dedo. Era verdade, no lugar havia algo e, por cima, um ponto vermelho, que devia ser o lenço.

– Infeliz! – exclamou a tia, muito nervosa. – O que deu em você pra tirar toda a roupa?! O que é isso?!

– Não preciso das roupas – respondeu a menina, que não pareceu nem um pouco arrependida do que tinha feito.

– Ah, desmiolada, cabeça de vento, você não tem juízo? – a tia continuou a lamentar e xingar a menina. – Quem é que vai descer de novo agora? Leva meia hora até lá! Vamos, Pedro, corra até lá e pegue as coisas, rápido! Não fique aí parado, olhando pra mim como se estivesse pregado no chão!

– Mas já estou atrasado – respondeu Pedro lentamente, e, com as mãos nos bolsos, não saiu do lugar de onde assistia ao ataque de Dete.

– Se você ficar aí parado com esses olhos arregalados é que não vai a lugar nenhum! – gritou Tia Dete. – Mas veja só: se descer até lá, vai ganhar uma coisa bonita – e mostrou uma moeda que brilhou nos olhos do menino.

Pedro deu um salto e desceu correndo pelo caminho mais curto: em pouco tempo, chegou ao lugar onde estava o montinho de roupas. Pegou-as e voltou tão rápido que a tia o elogiou e lhe deu a moeda. Pedro colocou-a rapidamente no bolso e abriu um largo sorriso, pois não era sempre que ganhava um tesouro daqueles.

– Pode levar tudo pra mim até o Tio; afinal, você também vai pelo mesmo caminho – disse Tia Dete enquanto se preparava para subir a encosta bem inclinada que se erguia logo atrás da cabana do Pedro das Cabras. O menino obedeceu de boa vontade e seguiu as duas com as roupas embaixo do braço esquerdo, balançando sua vara com o direito. Heidi e as cabras saltitavam alegres ao seu lado. Após quase uma hora, chegaram ao topo da montanha, onde ficava a cabana do velho Tio, em um pedaço saliente de rocha, exposta a todos os ventos, mas também ao Sol, com vista total para o vale. Atrás da cabana havia três velhos pinheiros com galhos espessos e longos, que nunca haviam sido podados. Mais atrás, a montanha continuava a subir, primeiro com encostas bonitas e cheias de plantas, depois coberta por mato e pedras, até chegar à rocha fria e inclinada.

Na cabana, o Tio estava sentado num banco fabricado por ele, que ficava virado para o vale. Com o cachimbo na boca e as mãos nos joelhos, olhava calmamente as crianças, as cabras e Tia Dete, que aos poucos foi ficando para trás. Heidi foi a primeira a chegar. Foi direto até o velho, estendeu-lhe a mão e disse:

– Boa tarde, vovô!

– Epa, epa, que história é essa?! – perguntou o velho bruscamente, mal apertando a mão da menina e examinando-a por baixo das sobrancelhas. Heidi retribuiu o longo olhar sem nem sequer piscar. Queria observar direito aquele avô estranho, de barba longa e sobrancelhas grossas e grisalhas, que se juntavam acima do nariz formando uma espécie de arbusto. Nesse meio-tempo, chegaram a tia e Pedro, que ficou um instante quieto, assistindo à cena.

– Bom dia, Tio – disse Dete, aproximando-se. – Estou lhe trazendo a filha de Tobias e Adelaide. Não deve reconhecê-la porque não a viu mais desde que ela estava com 1 ano.

– E o que essa menina veio fazer aqui em cima, na minha casa? – perguntou o velho rispidamente. – E você aí – dirigiu-se a Pedro –, leve embora suas cabras e as minhas! Você já está atrasado!

Pedro obedeceu de imediato e desapareceu, pois, pelo jeito que tinha olhado para ele, o Tio deu a entender que não o queria por perto.

– Ela veio pra ficar, Tio – respondeu Dete. – Acho que já fiz minha parte ao longo desses quatro anos, agora é a sua vez de cuidar dela.

– Sei – disse o velho, lançando um olhar cintilante para Dete. – E se a menina começar a chorar e reclamar, como costumam fazer as crianças sem juízo, o que faço com ela?

– Isso é problema seu – rebateu Dete. – Ninguém me ensinou nada quando ela veio parar nas minhas mãos, com um ano de idade, e eu já tinha muito o que fazer pra sustentar a mim e a minha mãe. Agora preciso correr atrás do meu trabalho, e o senhor é o parente mais próximo. Se não puder ficar com ela, faça o que bem entender. Se acontecer algum mal a ela, a responsabilidade será sua. Mas acho que o senhor não precisa de mais nenhum peso na consciência.

Dete não se sentia muito tranquila com o que estava fazendo, por isso estava irritada e acabou falando mais do que pretendia. Ao ouvir suas últimas palavras, o Tio se levantou. Olhou-a de um jeito que ela até recuou alguns passos. Em seguida, o velho esticou o braço e disse, em tom de ordem:

– Volte pra sua cidade e nunca mais apareça aqui!

Não precisou falar duas vezes.

– Então, adeus ao senhor e a você também, Heidi! – disse Dete rapidamente e desceu correndo a montanha, levada pela agitação interna que a impulsionava como um motor a vapor. Já na aldeia, as pessoas a detiveram bastante tempo para conversar, pois ficaram admiradas ao saber onde a menina tinha ficado. Todos conheciam Dete muito bem, sabiam de quem a menina era filha e de tudo o que tinha acontecido com ela. De todas as portas e janelas vinham vozes curiosas:

– Onde está a menina? Onde você a deixou, Dete?

E ela sempre respondia, de má vontade:

– Lá em cima, com o Tio dos Alpes! Com o Tio dos Alpes, não ouviram?

Ficou muito aborrecida, pois as mulheres gritavam de todos os lados:

– Como pôde fazer uma coisa dessas?

– Coitadinha!

– Uma criança indefesa, largada lá em cima!

E depois, várias vezes:

– Coitadinha!

Dete correu o mais rápido que pôde e ficou feliz quando as vozes já não a alcançaram, pois não aguentava ouvir mais nada. Afinal, sua mãe lhe tinha confiado a criança ao morrer. Mas, para se tranquilizar, disse a si mesma que poderia voltar a fazer alguma coisa pela menina quando ganhasse muito dinheiro. E ficou feliz por logo se ver livre de todas aquelas pessoas que se metiam em sua vida e por poder se dedicar ao trabalho.



autêntica

www.autenticaeditora.com.br
www.twitter.com/autentica_ed
www.facebook.com/editora.autentica